

NÓS NÃO ESTAMOS EM PAZ

Houve um tempo, no Brasil e em muitos países da América Latina, em que as pessoas eram tratadas como coisas. Tempo em que homens e mulheres eram torturados, humilhados e feitos reféns de governos autoritários. Neste tempo houve a prática sistemática, institucional, de roubos, extorções, censuras, ataques a bomba, cassações, perseguições, estupros, desaparecimentos forçados e assassinatos. Em alguns países à lista de horrores se acrescentava o rapto de bebês. Em todos eles o governo aplicava, em nome do Estado, a política do terror.

Costuma-se dizer que estes países viviam regimes de exceção, parêntesis totalitários que interrompiam e manchavam o fluxo democrático da história. Parece que não é bem assim. Não porque ali faltassem ferozes ditaduras, mas porque não se tratavam de interrupções tão nítidas do chamado **“ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO”**. Os métodos destas ditaduras, planejadas e administradas por civis e militares, atravessam os períodos históricos estritos em que elas evoluíam. A violência institucional atual – cujas ações das polícias militar e civil constituem a face mais visível, torturando e matando impunemente parte da população pobre, jovem e negra, nas penitenciárias e nas periferias – comprova a existência **CONTÍNUA** de um modelo desigual e excludente de sociedade. Os esquadrões da morte de ontem são os ninjas de hoje. Os **DRONES** atuais lembram os “voos da morte” do passado. O Instituto Millenium repete o IPES. Os aparatos de repressão ainda não foram completamente desmontados. Instrumentos ideológicos e jurídicos seguem em vigência. Nossa lei de anistia, aprovada em plena ditadura, ignora crimes de lesa-humanidade, protegendo agentes do Estado.

Desta realidade se deduz a existência de um **“ESTADO DE EXCEÇÃO PERMANENTE”**, de um regime “democrático” que só pode funcionar amparado na exceção. Para encurtar, o modelo do capital, da mercadoria, do lucro e da competição exige a **EXCEÇÃO COMO REGRA**. Descuberta que Marx, na política e Brecht, no teatro, demonstraram exemplarmente. Daí também se deduz que há uma repetição de estratégias autoritárias e mode-

los de exploração. Moderniza-se para conservar. Difunde-se cada vez mais notícias para informar menos. Prega-se a paz para que a barbárie continue. E por aí vai.

A figura musical do **CÂNONE** é uma metáfora possível destas repetições, desses retornos constantes do mesmo, embora com aparência de novo. Outra metáfora são esses relógios de barbearia, cujos mostradores e mecanismos invertidos mostram um tempo que avança recuando. O importante a reter é que a estrutura exige a repetição, o modelo funciona pela variação em torno do mesmo tema. É preciso, sempre, remunerar o capital. Modelização que se renova para que o principal permaneça. Este é um dos nossos temas. E nossa forma. Trata-se, como em outros trabalhos da Companhia (*O bom selvagem, Tudo o que você sabe está errado, Teatro/mercadoria, Carne*), de usar as ferramentas da arte para analisar o mecanismo da fabricação social, para compreender e interferir criticamente nos processos de formação da sociedade.

Nesta tarefa é preciso mirar o pequeno e o grande. Nosso tema-forma pretende lançar alguma luz sobre a dor de cada um daqueles que foram tratados como coisas, que foram obrigados a conversar com as paredes e beber a própria urina, que perderam seus empregos e seu país, que suprimiram suas vidas diante da violência extrema, que foram privados da dignidade e até das cores; e quer também lançar uma luz sobre alguns princípios que regem a brutalidade escondida sob nomes sedutores (agora estão na moda: sustentabilidade, economia criativa, governabilidade, responsabilidade social, capitalismo humanizado...). É um projeto ambicioso porque reúne o **EU E O MUNDO**, porque alia o privado e o público, o íntimo e o coletivo. Nem sempre é fácil entender a relação entre os *Chicago boys* e a missa dominical. Ou entre o neoliberalismo e a defesa da civilização cristã ocidental.

Este projeto nos levou até Ruanda, país que sufocou no sangue de quase um milhão de mortos em 1994. Uma das frases ouvidas durante a reconstrução desta nação africana foi: “Nós não estamos em paz!”. Não há paz possível sem reparação e justiça. Não há paz possível no esquecimento. Os mortos continuam respirando, ou, como diz Mauricio Rosencof, militante tupamaro que per-

deu os parentes em campos de concentração e guetos alemães, “eu sou os que foram”. Compreender o genocídio ruandês ajuda a desfazer fortes preconceitos. Foram a tecnologia, uma certa racionalidade europeia transplantada pelos colonizadores belgas e os interesses geopolíticos habituais que permitiram a matança a golpes de machete. O holocausto nazista e o massacre ruandês são filhos dos mesmos pais. Um na Europa desenvolvida, outro na África espoliada. Fomos também à Grécia dos coronéis. Estes militares, associados à elite econômica do país, mergulharam o **“BERÇO DA DEMOCRACIA”** em uma brutal ditadura que se estendeu entre 1967 e 1974. Foram anos em que “nenhuma mulher deu à luz, até que uma geração inteira acabou” (Dimitris Dimitriadis).

O diagnóstico deste enorme conjunto de fatos, interesses políticos e econômicos, variantes históricas e culturais, implicações filosóficas, é forçosamente incompleto. Nossas pesquisas ultrapassam o que está em cena. Há muito para falar sobre greves operárias, movimentos estudantis, solidariedade internacional, organizações populares. E também sobre a **OPERAÇÃO CONDOR**, a ideologia da reconciliação, a Triple A, o CCC, Guantánamo, Eldorado dos Carajás, a política do medo... Alguns aspectos estão apenas esboçados. O papel da religião, especialmente da igreja católica, é um deles. Suas cúpulas, no Brasil de Médici, na Argentina de Videla ou no Chile de Pinochet, foram próximas, muito próximas do terrorismo de Estado. A hesitação de artistas, ou mesmo a franca adesão ao arbítrio, é outro tema relevante, lembrando a íntima associação entre indústria cultural, construção de consenso e controle social. Daí as referências à Carmen Miranda, Rolling Stones e ao tropicalismo. Também não se pode negligenciar o papel desempenhado por banqueiros, latifundiários, empreiteiros e grandes empresários, inclusive da mídia, que não pouparam elogios e recursos na sustentação das ditaduras. Reuniões de arrecadação de fundos, onde se **“PASSAVA O QUEPE”**, eram comuns. Antônio Delfim Netto, que serviu com fidelidade canina aos ditadores, organizou alguns destes encontros. Hoje ele desfila seu vasto conhecimento nas páginas de revistas e jornais de grande circulação.

Estes mesmos industriais e empresários – seus filhos, netos ou herdeiros – refestelam-se agora com os megaeventos esportivos que prometem a felicidade e o gozo supremos para aqueles que, pela ótica da casa grande, só precisam de circo e algum pão. São os sempiternos donos do capital e da renda que continuam se empapuçando, garantindo **DEMOCRACIAS DE “BAIXA INTENSIDADE”**. A copa de 1978 na Argentina foi o laboratório a não ser esquecido, incluindo a bênção enviada pelo Papa e os elogios cínicos de Kissinger e Havelange. Embora já a Olimpíada de 1936, em Berlim, tenha deixado seus ensinamentos. No entanto, a política do consenso e do esquecimento opera com eficiência, pelo menos no Brasil: arquivos continuam secretos e documentos são sonogados; escolas públicas, praças e viadutos ostentam nomes de ditadores e torturadores; assassinos são promovidos a generais nos dias 31 de março; a Lei de Anistia não foi revista; corpos não foram restituídos; apoiadores do regime autoritário posam de democratas.

É possível que a arte seja um espaço de lucidez, temperada pela imaginação. Por isso o teatro que reivindicamos, documental e poético, cruzando estética e política, é também ele tema do trabalho. O “teatro carcelário” das prisões argentinas, citado em uma das últimas cenas, mostra, justamente, que a **“IMAGINAÇÃO INCOMODA MUITA GENTE”** (frase da militante política Maria Auxiliadora Lara Barcelos, presa e torturada, que se suicidou em 1976). Provam isso os filmes de Solanas e Costa-Gavras, os textos de Galeano e Edward Bond, a música de Nono e Violeta Parra, os murais de Rivera, as montagens de Meyerhold. Todos foram, ou são, antigos combatentes. Aos novos resta arregaçar as mangas, porque há muito o que fazer. **PARA QUE NÃO SE ESQUEÇA**, para que não se repita, para inventar outros caminhos. Lembrando Antígona: “Passado abandonado, jamais se torça passado”.

FERNANDO KINAS
KIWI COMPANHIA DE TEATRO

**QUEM NÃO VIU AS PESSOAS MORREREM NAS RUAS MARTELADAS POR UMA MÃO INVISÍVEL
NÃO PODE COMPREENDER O QUE REPRESENTA, O QUE É A MORTE DE UM PAÍS. [DIMITRIS DIMITRIADIS]**

FICHA TÉCNICA

Roteiro e direção geral: Fernando Kinas
Elenco: Fernanda Azevedo
Cenário: Julio Dojcsar
Iluminação: Heloísa Passos
Figurino: Maitê Chasseraux
Pesquisa e música original: Eduardo Contrera e Fernando Kinas
Pesquisa e tratamento de imagens: Maysa Lepique
Direção de produção e assistência de direção: Luiz Nunes
Assistência de produção: Dani Embón
Assessoria e treinamento musical: Luciana Fernandes e Armando Tibério
Programação visual: Paulo Emílio Buarque Ferreira e Camila Lisboa
Assessoria de imprensa: Eliane Verbena
Operação de luz: Taty Kanter
Operação de som e vídeo: Luis Henrique Soares

PARCEIROS DO PROJETO: Coletivo Merlino; Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos; Articulação e Coletivo pela Memória, Verdade e Justiça; Comissão Estadual da Verdade; Frente de Esculacho Popular; Cordão da Mentira; Movimento Mães de Maio; Coletivo Quem; Companhia Estável; Companhia Antropofágica; Coletivo Dolores. A todos nossa gratidão e força.

AGRADECIMENTOS: Alípio Freitas, José Arbex Jr., Paulo Arantes, Amelinha Teles, Idibal Pivetta, Edson Teles, Criméia de Almeida, Ivan Seixas, Tatiana Merlino, Angela Mendes de Almeida, Dimitris Dimitriadis, Evaldo Mocarzel, César Charlone, Givanildo Manoel; Roberto Mader, Tatiana Sandoval, Bia Barbosa, Osvaldo Pinheiro, Danilo Dara, Diana Sá Earp, João Correa de Souza, Aurora e João Pedro, Flávio Koutzii, Fábio Kinas, Elaine Giacconelli, Eduardo Campos Lima, Nilton Viana, Vivian Mendes, Núcleo de Preservação da Memória Política, Coletivo Passa Palavra, Coletivo Zagaia, Geondes Antônio, Isabel Loureiro, Mariana Tamarí, Peu Pereira, casadalapa, Estudo de Cena, Murilo Taveira, César e equipe Casmetal Serralheira, Cecília e equipe de costura, Adston Mantovani, Jamelão, Pedro Farkas, Tina Hardy, Marcelo e Clara Willer, Nicolau Bruno, Renan Quinalha, Cadu Cruz, Carlos Lepique, Fernanda Pessoa, Gustavo Zaghen e Mônica Rodrigues.

FRASES DA CAPA 1 MAURICIO ROSENCOFF | 2 PENTATOL SÓDICO | 3 ANTÍGONA | 4 ERNESTO GEISEL
5 TUPAMAROS | 6 EDWARD BOND | 7 RUANDA | 8 ROLLING STONES | 9 CARMEN MIRANDA

MORRO COMO UM PAÍS ESTREOU NO DIA 1º DE MARÇO DE 2013, NO SÓTÃO DO TEATRO GRANDE OTELO, SÃO PAULO.

REALIZAÇÃO:



www.kiwidadeteatro.com.br



PROJETO APOIADO PELO PROGRAMA DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO 2012/2013



APOIO:



ESPAÇO:



EU SOU OS QUE FORAM PASSADO ABANDONADO JAMAIS SE TORNA PASSADO

C11 H17 NZ O2 S NA

SE NÃO DANÇAM TODOS NAO DANÇA NINGUEM

A JUSTIÇA É O REVERSO DE TODAS AS LEIS

NÓS NÃO ESTAMOS EM PAZ

WHAT CAN A POOR BOY DO EXCEPT TO SING FOR A ROCK'N'ROLL BAND

DISSERAM QUE EU VOLTEI AMERICANIZADA

MORRO COMO UM PAÍS

CENAS SOBRE A VIOLÊNCIA DE ESTADO

